

Banco do Brasil
apresenta



ordenação e vertigem



2010000878


diálogos e reflexões
com educadores

Integra a tese
T/UNESP
707
072d

T/UNESP
707
072d
anexo 4

unesp 

cm 1 2 3 4 5 9 10 11 12 13 14

INSTITUTO DE ARTES

Aquisição: d/ autor

Custo: _____

Data de Recebimento: 25.02.05

Registro n. 878

Data: 03.05.2010

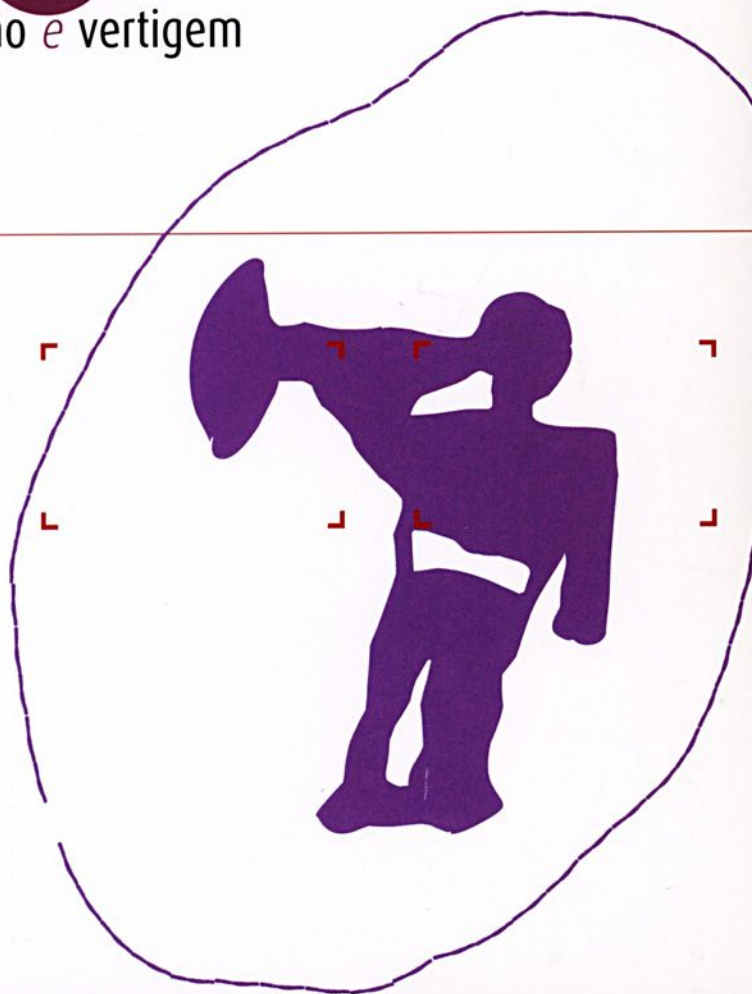
T/UNESP

707

072 d

anelo 4


ordenação e vertigem



< CRIANÇAS E LOUCOS DEVEM SER LEVADOS A SÉRIO >

MAIS A SÉRIO DO QUE TODO O PÚBLICO DAS GALEIAS
< QUANDO SE TRATA DE REFORMAR A ARTE DE HOJE >



< EU PRECISO DESTAS PALAVRAS. ESCRITA >

< EU PRECISO DESTAS PALAVRAS. ESCRITA >

< EU PRECISO DESTAS PALAVRAS. ESCRITA >

< EU PRECISO DESTAS PALAVRAS. ESCRITA >



Segundo alguns pesquisadores, o interesse pela produção artística dos loucos surge por volta do século XVIII e as relações da arte com a psiquiatria e a psicologia datam do século XIX, quando as primeiras referências teóricas sobre o assunto aparecem. A partir de então, historiadores, críticos e artistas, alimentados pelas investigações sobre o inconsciente, ampliaram as maneiras de pensar o campo artístico, inflamado por movimentos como o Art Naïf, o Surrealismo, o Dadaísmo, a Arte Conceitual, entre outros, a partir da velocidade das mudanças e dos desejos de rompimento com os padrões estéticos vigentes nesse período.

Ordenação e Vertigem, evento que apresenta obras de Arthur Bispo do Rosario, traz novamente para o debate as relações e os limites da simbologia e dos códigos transmutados, da linguagem própria e da luta pela sobrevivência da espécie humana, da lógica ordenadora e das relações vivenciais de seu personagem esquizofrênico, institucionalizado, perante a produção atual da arte brasileira.

A obra produzida por Arthur Bispo do Rosario se relaciona com o real. Com materiais encontrados ao acaso, outras vezes trazidos por funcionários, montados em pequenos painéis precários de papelão e madeira, acumula **configurações** miniaturizadas do espaço, das experiências, das coisas que o meio lhe oferecia. São indícios de um colecionador ou de um mumificador? Ou seria sua vontade incontrolável de eternizar a existência a partir dos objetos transmutados, como sua própria linguagem, pela intensa e elaborada ação de suas mãos para ser reconhecido e obter poder, ou permissão.

Arthur Bispo do Rosario, depois de um delírio alucinatório, dedicou-se inteiramente a reproduzir o mundo para sua apresentação a Deus. Se retirados do mundo real, para representar o universo do artista no Juízo Final, quando e como os objetos recebem o *status* de arte?

“Linguagem e delírio estão entrelaçados na formulação da verdade do sujeito.”^[2]

É preciso levar em conta a quase ausência de educação formal, a liberdade do espírito e o afastamento do convívio social que permitiram que Bispo construísse um universo sem referências do mercado ou da crítica da arte. Sua obra era impulsionada por seu meio interior.^[3] Suas experiências subjetivas deram vazão aos nomes, objetos estancados, paralisados no inventário representacional. Entretanto, como podemos explicar as proximidades estéticas entre as **assemblages** produzidas por Marcel Duchamp, por exemplo?

Não é preciso se esforçar para se ver encantado com a intensidade do mergulho do artista em sua produção. A veracidade, ou a intensidade do delírio-lucidez da história pessoal de Bispo, é o que fascina e atordoa. Pode-se separar o que é arte e o que é vida?



Ordenação: estandartes, mostruários, partituras, bordados e fios, roupas, farda militar e medalhas, nomes próprios, coisas e desenhos, representações, muita gente e muitos lugares. Um fluxo intenso de linhas que preenchem os contornos, como uma obsessão para pintar com linhas de bordar, insubordinação e português errado, outros países e outros lugares, ordens, regras, mapeamento da cidade.

Vertigem: boxe, luta, recordações da vida vivida antes e dentro do claustro, delírio, quarto fechado, dicionário de nomes, três pontos e um plano, nome-lugar-função, semelhanças e diferenças, cristão, santos e anjos, Cristo e Deus, e senão pagão. Cartografia, formas geométricas, ângulos, estudos de formas, e o mapa do Brasil. Sapatos, botas, canecas, garrafas com confetes, ferramentas, objetos de culto. Conjugação do verbo SOLTAR...

"eu preciso destas palavras. Escrita." **arthur bispo do rosario**

Edna Onodera
Adonay Donley



[1] Anotações de Ana Mae Barbosa sobre um texto de Paul Klee, em Ferraz, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte e loucura. limites do imprevisível. São Paulo: Lemos, 1998, p. 9.

[2] Foucault, Michel. As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1966. Citado por Lagnado, Lisette. Arthur Bispo e a instituição. In POR que Duchamp?. São Paulo: Itaú Cultural: Paço das Artes, 1999, p. 109.

[3] Luiz Carlos Mello, em catálogo da Mostra do Redescobrimento, Fundação Bienal, 2000, p. 43

arthur bispo do rosario

Japaratuba SE, 1909 [ou 1911] † Rio de Janeiro RJ, 1989

Foi pugilista, marinheiro, lavador de bonde, borracheiro. Fez serviços gerais de porteiro de hotel e de guarda-costas, entre outros ofícios exercidos. Internado várias vezes em manicômios e instituições psiquiátricas, foi diagnosticado como esquizofrênico-paranóico e começou sua produção de objetos para a "representação do mundo no Juízo Final", a partir da década de 60. Morreu em 1989 de infarto na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. Depois de sua morte, seu trabalho foi exposto pela primeira vez na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, até ser reconhecido internacionalmente na 46ª edição da Bienal de Veneza.



arthur bispo do rosario *sem título [borrachas]* s.d.

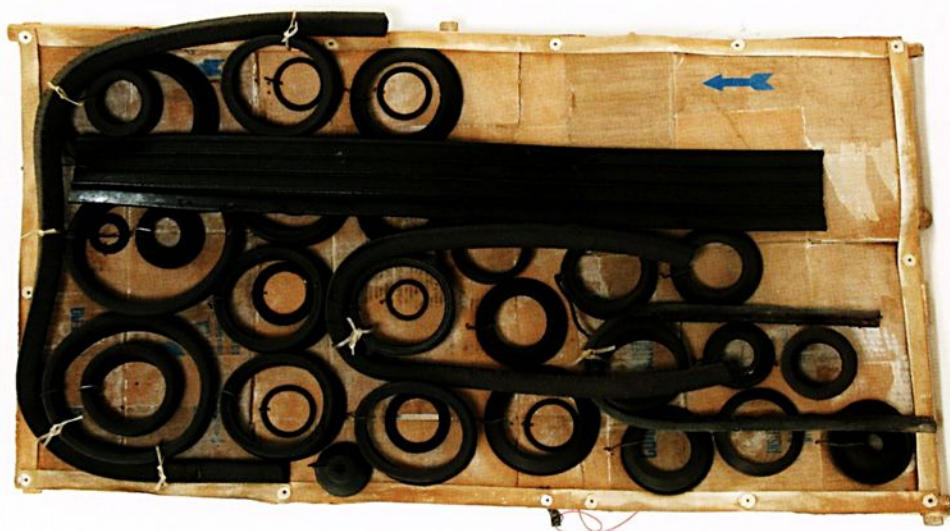


foto cláudia martins



foto cláudia martins

arthur bispo do rosario *sem título [sapatos femininos]* s.d.

arthur bispo do rosario oito cetros s.d.



foto cláudia martins



foto cláudia martins

arthur bispo do rosario sem título s.d.

arthur bispo do rosario

Japaratuba SE, 1909



oito cetros

s.d.

técnica mista

montagem com oito cetros de
misses em ORFA* em suporte de
madeira com cartelas de papelão
e fichas de ônibus presas por linhas
101 x 75 x 22,7 cm

*ORFA objeto revestido em azul

arthur bispo do rosario

Japaratuba SE, 1909



sem título

s.d.

técnica mista

vitrine com pentes de plástico sobre
suporte de madeira e papelão
111 x 41 x 4 cm

arthur bispo do rosario

Japaratuba SE, 1909



sem título [borrachas]

s.d.

técnica mista

vitrine com borrachas circulares e
em tiras sobre suporte de madeira

110 x 59 x 10 cm

arthur bispo do rosario

Japaratuba SE, 1909



sem título [sapatos femininos]

s.d.

técnica mista

vitrine com sapatos e sandálias em
materiais diversos sobre suporte de
madeira e papelão

189 x 171 x 10 cm



diálogos e reflexões
com educadores



ordenação e vertigem

Patrocínio e Realização

Rua Álvares Penteado, 112 – Centro
Informações: (11) 3113-3651/3113-3652
Próximo às Estações Sé e São Bento do Metrô

cultura-e.com.br



**CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL**

Estacionamento conveniado Rua da Consolação, 228 (ed. Zarvos) – Transporte gratuito com o patrocínio do Seguro Ouro Auto.





ordenação

Ato ou efeito de ordenar, pôr em ordem. Boa disposição, arranjo metódico; arrumação. Uma condição de lógica ou disposição coerente entre os elementos separados de um grupo de coisas. O oposto de desordem ou caos.



vertigem

Estado em que se tem a impressão de que tudo gira em torno de si, ou de que se está girando. Remoinho, desfolecimento, tontura, desvario, loucura.



coleção

Conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si. Uma coleção é um acúmulo de objetos e pode ser formada acerca de uma variedade de parâmetros.

Bibliografia

ARHEIM, Rudolph.
Arte e percepção visual.
São Paulo: Pioneira, 1991.

BURROWES, Patrícia.
O universo segundo Arthur Bispo do Rosário.
Rio de Janeiro:
Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo.
Arte e loucura. Limites do imprevisível.
São Paulo: Lemos, 1998.

FOUCAULT, Michel.
As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas.
São Paulo: Martins Fontes, 1966.

HIDALGO, Luciana.
Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto.
Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

PEDROSA, Mário.
Arte, forma e personalidade.
São Paulo: Kairós, 1979.

READ, Herbert.
A educação pela arte.
São Paulo: Martins Fontes, 1982.

RIVERA, Tânia.
Arte e psicanálise.
Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
[Coleção Passo a Passo]

SILVA, Jorge Anthonio e.
Arte e loucura, Arthur Bispo do Rosário,
São Paulo: EDUC/FAPESP, 1997.

apropriação

Ato de tomar posse do material de outros, freqüentemente sem permissão, reutilizando-o em um contexto que difere do original. Efeito de apropriar [-se]. Acomodação, adaptação.

assemblage

Termo cunhado na década de 50 por Jean Dubuffet, denotativo de obras de arte elaboradas a partir de fragmentos de materiais naturais ou fabricados, como o lixo doméstico. Geralmente usado para definir desde fotomontagem até instalações em geral.

esquizofrenia

[do grego Schizein » cisão e phren » espírito]: Transtorno mental psicótico que se caracteriza por alterações da percepção sensorial, do pensamento e julgamento e por inadequação dos afetos. Por estas características o paciente se encontra em um estado em que a sua avaliação da realidade está muitas vezes alterada.

configurações

A forma exterior de um corpo; conformação, aspecto, figura, feito. Na geometria: qualquer conjunto formado por pontos, linhas e superfícies.